

É NA BEIRA QUE AS INTERAÇÕES ACONTECEM:

Narrativas do Comum e Sociabilidades
Comunicativas na Feira de Abaetetuba

IT IS ON THE EDGE THAT INTERACTIONS
TAKE PLACE: Common Narratives and
Communicative Sociability at the Abaetetuba Fair

Giovane Silva da SILVA ¹

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Cultural e Amazônia (PPGCom-UFPA), E-mail: giovane.smkt@gmail.com.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de discutir as interações sociais e a Comunicação do Comum (SODRÉ, 2014) na Feira do município de Abaetetuba-Pa, conhecida como “beira”, através de sujeitos que experienciam o cotidiano do lugar. O trabalho tem abordagem etnográfica (GEERTZ, 1989). Neste sentido, busca desvelar: O sentido da feira para os sujeitos? Como estabelecem sociabilidades no lugar? (SIMMEL, 2006). O método utilizado é o de entrevista narrativa. Ao fim das narrações, foi possível constatar que a feira tem sentido tradicional, faz parte da cultura da cidade e as interações que acontecem no lugar são múltiplas e envolvem sujeitos do ambiente urbano, rural e dos municípios vizinhos.

PALAVRAS-CHAVE: Abaetetuba; Feira; Beira; Sociabilidades; Comunicação.

ABSTRACT

This work aims to discuss social interactions and Communication of the Common (SODRÉ, 2014) at the Fair in the municipality of Abaetetuba-Pa, known as “beira”, through subjects who experience the daily life of the place. The work has an ethnographic approach (GEERTZ, 1989). In this sense, it seeks to reveal: The meaning of the fair for the subjects? How do they establish sociability in the place? (SIMMEL, 2006). The method used is narrative interview. At the end of the narrations, it was possible to verify that the fair has a traditional meaning, is part of the city's culture and the interactions that take place in the place are multiple and involve subjects from the urban, rural environment and neighboring municipalities.

Key Words: Abaetetuba; Fair; Border; Sociability; Communication.

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva discutir as interações sociais que ocorrem na feira do município de Abaetetuba, ou na “beira” como é conhecida pelos locais, pois esse território apresenta-se como “um espaço social tradicional e um topos central em muitas sociedades. Espaço por excelência das trocas, a feira pode ser encontrada em todas as épocas e em todos os espaços do chamado Ocidente”. (CASTRO, 2018, p.9).

Mas antes de adentrar na feira e nas relações comunicativas que ocorrem no local, é preciso tecer uma breve contextualização sobre Abaetetuba, cidade situada no nordeste paraense, com cerca de 158.188 mil habitantes (IBGE, 2022). O município de Abaetetuba possui uma economia baseada no comércio de serviços e produtos, aliada à produção de açaí, miriti e bacuri, frutas típicas da Amazônia. Dados do IBGE, ano 2022, apontam que o Produto Interno Bruto per capita é de 12.150,04 e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) é de 0,628.

O comércio, por exemplo, tem crescido exponencialmente, em virtude do desenvolvimento do Polo Industrial da Vila dos Cabanos, em Barcarena. Os Programas assistenciais do governo federal, como o Bolsa Família, Bolsa Verde e Seguro Defeso colaboram para movimentar a economia do município.

Há uma intensa movimentação nas lojas localizadas próximo a bancos e lotéricas, onde os beneficiários que recebem os auxílios costumam visitar. As expressões culturais em Abaetetuba manifestam-se principalmente nas festas religiosas. São os círios e os arraiais que movimentam as praças e bairros da cidade, com destaque para o Círio de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município. A festa é realizada desde 1912, sendo que o Círio ocorre no último domingo de novembro e o encerramento da festividade no dia 08 de dezembro. Além dessas celebrações, Abaetetuba possui eventos culturais que movimentam a cidade, tais como o Carnaval, o Festival do Miriti, Quadra Junina, Julho na Praia de Beja e Semana da Arte, sendo esta realizada para comemoração do aniversário da cidade. Entre tantas datas e eventos, existe uma manifestação cultural contínua: A feira da cidade ou “beira” como é conhecida pelos locais.

A beira é um local de grande movimentação de indivíduos que chegam de localidades diferentes. Das 73 ilhas que compõem o município, das cidades circunvizinhas como Moju, Igarapé-Miri, Limoeiro do Ajuru, Muaná e Barcarena. A beira é um símbolo cultural da cidade “sendo, do ponto de vista cultural, uma manifestação popular (inclusive, é parte do roteiro

turístico) e, ao mesmo tempo, de intercâmbio relacional (de produção e de pessoas)” (POJO e ELIAS, 2018, p.52).

A Feira resiste ao tempo e às mudanças ocasionadas pela metropolização da cidade.

Localizada às margens do rio Maratauíra, ela se estende por boa parte do centro comercial.

O nascimento da feira que hoje conhecemos, na sua materialidade, está da Idade Média, e esse mesmo espaço pouco ou nada se reinventou, guardando e mantendo as relações humanas e sociais estabelecidas em seu seio; a feira é, por essência, o lugar de reverberação de uma cidade (CASTRO, 2013, p.145).

Em Abaetetuba, a feira é a “beira”. Neste lugar, há uma variedade de alimentos. Os peixes mais consumidos são o mapará, a pescada branca, a pescada amarela, pirarucu, curimatá, aracu, cachorro do padre, tamuatá, xaréu, filhote, dourada, pirapitinga, cará-açu, cachimbo e pacu pequeno. É possível encontrar também um amplo comércio de carnes de caça: jacaré, tatu, mucura², paca. Além de verduras, frutas e legumes.

Na beira de Abaeté, também é possível comprar chinelos, bijuterias, pilhas, brinquedos, roupas, etc. Enfim, um lugar onde há uma grande variedade de produtos e que reúne diariamente um grande número de pessoas. Neste sentido, este artigo busca discutir a Comunicação do Comum e as sociabilidades que ocorrem no lugar. A beira é um território “social”, enfim, como explica Sodré (2014) p.15:

O “social” daí decorrente é uma abstração: o que há de concreto são indivíduos, famílias e associações ligados por redes de dependência que, além das razões econômicas, jurídicas e políticas, aglutinam-se por meio de um “comum”. Em base está em núcleo de sentido constitutivo, a partir do qual as diferenças encontram um lugar próprio para comunicar-se. (SODRÉ, 2014, p.205)

O Comunicar-se para Sodré (2014) tem sentido social, sociológico. Portanto, entendo, aqui, a sociabilidade, dentro do campo comunicativo, isto é, enquanto relação de interação entre os indivíduos e os espaços físicos e simbólicos de sua existência. Logo, a sociedade é estabelecida como manifestações de contato social, onde “os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si pela determinação recíproca que exercem

² A mucura é um Gambá-de-orelha-branca, presente também na Amazônia. A carne do mamífero é muito apreciada na região.

uns sobre os outros” (SIMMEL, 2006, p.17).

Nessa perspectiva de compreensão, busco desvelar questões que motivam a realização desta pesquisa, considerando as sociabilidades na feira e as situações sociais em seus espaços de existência, indagando: a) Qual o sentido da feira para os sujeitos? b) Como emergem as interações sociais? c) Como os sujeitos estabelecem sociabilidades no lugar?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os objetos estudados na Ciências Sociais e na Comunicação compreendem, sobretudo, as expressões ou interações estabelecidas no cotidiano. Neste trabalho o recurso utilizado é a Etnografia, uma vez que segundo Geertz (2008) a etnografia não é, apenas uma questão de método. Ela exige um esmero intelectual do pesquisador.

“Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante” (GEERTZ, 2008, p. 4). Nesta pesquisa, a etnografia é feita no caminhar da feira, na observação participante, no diálogo com vendedores e frequentadores do espaço. Como confirma Geertz, “os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...) eles estudam nas aldeias. (GEERTZ, 1988, p. 32). E esta pesquisa deu-se no ambiente da feira e na residência de pessoas que frequentam o local. Fui a campo no ano de 2022 para a produção da dissertação de mestrado e refiz os mesmos percursos em 2023 e início de 2024. Nesse sentido, a investigação detalhada é um ponto importante na etnografia, conforme o pensamento dos autores:

Lévi-Strauss (1975), numa tentativa semelhante à de Mauss de travar um debate sobre o método de observação e investigação antropológica, destaca que a etnografia consiste na observação e na análise dos grupos humanos em suas particularidades a fim de reconstituir fielmente a vida de cada um deles. O conhecimento dos fatos sociais só é possível a partir de uma investigação concreta e minuciosa dos grupos sociais, contextualizados em seu tempo e espaço, a fim de se alcançar as estruturas mais inconscientes do pensamento humano. Segundo Lévi-Strauss (1975), o inconsciente possui função simbólica, por estar sujeito às leis que estruturam a sociedade e por produzir símbolos que são eficazes por ordenarem a estrutura do pensamento simbólico (GEERTZ, 2008, p.5).

Reflexões à teoria da etnografia de Lévi-Strauss (1975) nos leva a entender que a pesquisa etnográfica vai além do “estar-junto”, do observar e descrever os detalhes de um

fenômeno ou de um acontecimento, uma pesquisa etnográfica busca compreender os sentidos, a interpretação do mundo da vida Husserl (1986) a partir do olhar dos próprios sujeitos do lugar.

Além da etnografia, este trabalho também utiliza o método de entrevista narrativa, pois através delas, os indivíduos têm a possibilidade de constituir os sentidos das experiências vividas ou “[...] contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2012, p. 91). A sociedade é constituída e modificada na interação com os indivíduos, por isso, a compreensão dos fenômenos sociais demandam a compreensão dos indivíduos que nela se inserem e nas suas interações. Segundo Ravagnoli (2018, p. 9),

A entrevista narrativa é um procedimento de construção de dados que busca compreender experiências do indivíduo, inseridas em uma realidade social determinada. Assim, privilegia a introspecção do entrevistado que, pela linguagem, atribui significado às suas experiências, por meio de narrativas construídas segundo seus próprios critérios de utilização e relevância.

Para a produção do trabalho, realizei primeiramente uma pesquisa com a finalidade de encontrar investigações com as seguintes palavras-chave: Feira, Beira, Abaetetuba, Sociabilidades e Interações sociais. Alguns achados são relevantes e corroboram com o trabalho, como o artigo de Barros (2009) com o título: “Sociabilidade, cultura e biodiversidade na Beira de Abaetetuba no Pará” e a tese de Castro (2018) “Socialidades e sensibilidades no cotidiano da Feira do Guamá: Uma etnografia das formas sociais do gosto”. Ambas são pesquisas etnográficas que mergulham na cultura da feira e descrevem detalhadamente o espaço e a cultura local.

A segunda etapa foi visitas à beira de Abaetetuba. Pelo menos 10 visitas foram realizadas, entre os anos de 2022, 2023 e 2024. A terceira etapa foi a entrevista, a conversa com pessoas que transitam e trabalham na beira. Foram cinco pessoas entrevistadas, mas foram escolhidas somente quatro para compor o artigo, sendo dois feirantes e dois frequentadores³. Todas as conversas foram gravadas por celular, com a devida autorização dos interlocutores.⁴ (Ver Quadro 01):

³ As entrevistas foram realizadas no período de 15/12/2023 a 05/05/2024.

⁴ Informo que para este artigo, identifiquei as pessoas entrevistadas pelo sobrenome delas, considerando que a proposta de pesquisa ainda será apresentada à Plataforma Brasil – Comitê de Ética em Pesquisa que prevê a realização de entrevistas com pessoas.

Quadro 1: Identificação dos entrevistados

Sobrenome	Idade	Profissão	Tempo na feira
Mendes	28 anos	Feirante	15 anos
Amorim	40 anos	Feirante	31 anos
Gomes	50 anos	Pedagoga	20 anos
Silva	69 anos	Aposentado	59 anos

Fonte: Silva, 2024

UM PERCURSO ETNOGRÁFICO NA BEIRA DE ABAETÉ: UMA COMUNICAÇÃO COTIDIANA

Narrar é, para Ricoeur, empreender uma atividade mimética, operar uma “transusão poética da realidade” (RICOEUR, apud, LAGE, 2018). É uma ação que organiza uma série de fatos em uma história, através desta ação é possível entender experiências. Em Ricoeur (1989, p. 61), “quanto mais o ser se compreende melhor ele se explica”. Em busca dessa compreensão interpretativa dos sujeitos, começo minha trajetória de pesquisa utilizando a etnografia como parte do percurso metodológico.

É uma manhã ensolarada em Abaetetuba, em pleno verão amazônico, o calor torna-se o meu despertador natural, saio da minha residência às seis e meia da manhã e, a pé, eu sigo para a orla da cidade. Antes de chegar propriamente na feira, passo a observar com atenção o movimento que começa na Catedral de Conceição. Os comerciantes de farinha fazem uma espécie de fila ao redor da Praça; a feira também ocupa este local, e enquanto os vendedores negociam o preço da farinha, dezenas de passageiros desembarcam dos ônibus que chegam das comunidades situadas nas estradas e ramais, conhecidas como “colônias”.

Nos arredores da Praça de Conceição, a movimentação desses passageiros levanta uma mistura de aromas: cheiro de perfume doce, amadeirado, aroma de cosmético, tudo isso misturado ao cheiro dos alimentos que são vendidos ali. O mingau de miriti, milho ou açaí é vendido praticamente em cada esquina. O trânsito nos arredores da feira e na própria feira é caótico. Tem motocicletas, carros, carroças, bicicletas, ônibus, carretas, caminhões passando nas ruas que dão acesso à feira. Os sons são intensos. Tem ruído de barracas sendo montadas, anunciantes das lojas de roupas e eletrodomésticos fazendo propaganda, buzina, carro som,

“rádio cipó” e música, música que toca nas barracas dos camelôs, nas frentes das lojas, clínicas e lanchonetes. Toda essa movimentação evidencia o crescimento do centro comercial de Abaetetuba, mas essa intensidade não para nas ruas.

É na orla que o movimento continua. As embarcações chegam cedo. A partir das cinco da manhã, já tem passageiros descendo dos barcos que chegam das 73 ilhas que compõem o município. Nesse mesmo local, chegam os vendedores de açaí, mas também os vendedores de carne de caça: Capivara, mucura, paca e tatu. As barracas dos camelôs também ocupam uma parte considerável da feira e tem um mix de produtos: Bocas de fogão, panelas, chinelos, bijuterias, óculos, bolsas, carteiras, mochilas, etc.

Continuo o meu percurso e observo com atenção, muita gente animada, principalmente quem trabalha no local. Uma senhora ri para uma vendedora de roscas e cacetinhos⁵, elas tentam negociar o valor do produto. Enquanto isso, uma vendedora de tapioca, animada, bate palma para chamar clientes. Na porta de uma farmácia, uma caixa de som toca uma música agitada para anunciar o valor dos medicamentos que estão sendo vendidos ali. Um senhor para em uma lanchonete e pede um mingau de miriti enquanto sorri e brinca com a moça que o atende. O fluxo de movimento é muito alto. E muitas coisas acontecem ao mesmo tempo. É difícil observar tudo. Mas é possível constatar que a feira de Abaetetuba é uma combinação de sabores, cores e aromas.

A beira de Abaetetuba talvez seja o espaço onde mais acontecem encontros e socializações, e onde se constrói ou se estabelece a identidade local. Múltiplas formas culturais num mesmo espaço (POJO e ELIAS, 2018). “A beira é também, os retiros de farinha, as margens dos rios ou a cabeça da ponte, como dizem, são espaços privilegiados de situações/acontecimentos marcantes” (POJO, ELIAS, 2018, p.52).

Sodré aponta que existem espaços, onde as socializações dos grupos sociais ocorrem: “Como o espaço é também ‘orgânico’ (existe de fato um espaço dos corpos vivos e dos grupos sociais), a relação espacial suscita a noção, de forma social entendida como “conjuntos feitos de elementos múltiplos” (SODRÉ, 2002, p.20). E em busca do entendimento dessas relações, eu saio do campo da observação e passo para o campo do diálogo, onde começo a comprar os produtos e conversar com as pessoas que trabalham e transitam pela feira.

A vendedora de tapioca, Mendes, de 28 anos, começou a trabalhar na feira aos 12 anos. Ela chega às 05 horas da manhã. E começa a organizar as coisas da barraca. Ela arruma as

⁵ Um tipo de salgadinho regional feito de trigo e manteiga fabricado, principalmente nas colônias de Abaetetuba.

tapiocas, alguns temperos e bate palma para chamar freguês. Como ela toma conta de duas barracas, ela está sempre em movimento, agitada e sorridente, ela atende com muita presteza, volta e meia tem um cliente comprando com ela. “Eu adoro meu trabalho, ‘pensa’ num trabalho que eu gosto, eu adoro viver com público, sabe? Aqui é minha segunda casa e tu já conhece eles (os clientes). Tem cliente que vem lá do Cruzeiro, lá do final só para comprar comigo aqui...Tenho uma relação muito boa com eles”, contou a vendedora.

O feirante de hortifruti Amorim, de 40 anos, trabalha na feira desde os 09 anos idade, ele conta como é a relação dele com os fregueses: “Tenho muita amizade, conheço muita gente, mas tem freguês que chega pra aborrecer, fala que a mercadoria não tá boa, que não presta, mas tem gente boa também, tem mais gente que constrói, do que gente que destrói. Às vezes a gente vende fiado, aí eles voltam, pagam depois e assim vai”.

Tanto o relato da vendedora Mendes, quanto do vendedor Amorim, revelam uma relação de confiança e intimidade com os clientes. Enquanto eu conversava com eles, chegava um freguês, parava alguém montado em uma moto, um outro feirante conhecido chegava para fazer uma brincadeira, perguntava por alguém. O trabalho deles é dinâmico e exige atenção e paciência, pois há momentos em que eles precisam atender duas ou três pessoas ao mesmo tempo e ainda tem o som das buzinas de moto, das caixa de som das lojas e da rádio cipó presentes no local. Enfim, uma comunicação comum e cotidiana construída e estabelecida na beira de Abaetetuba.

Segundo Sodré, (2014, p.9). “Comunicar “agir em comum” ou “deixar agir o comum” significa vincular, relacionar, concatenar, organizar ou deixar se organizar pela dimensão constituinte e pr -subj tiva do ordenamento simbólico do mundo”. Para o autor, a comunica o vai muito além de um ato de emissão e transmissão de mensagem, “a comunica o não pode ser considerada por si só, pois há muitas maneiras de enxergá-la” (SODRÉ, 2014, p.22).

O comum   sentido antes de ser pensado ou expressado, portanto   algo que ancora diretamente na existência. O homem pensa porque existe, logo,   em comum. A contratradu o, que abriga o sentido da fala se torna possível pela sensibilidade comum num lugar próprio, regido pelo *communicatio*, que   o outro modo- o modo dialógico – de dizer *societes* (sociedade). Isto  , referir-se ao companheiro (*socius*) que, pluralizado, constitui o pronome “nós” de um agrupamento humano ou da rede complexa de rela es jurídicas e políticas em que se insere o cidadão de um Estado. (SODRÉ, 2014, p.204)

O sentido de “nós” para Sodré (2014) está nos grupos sociais formados na sociedade, que na Beira de Abaetetuba configura-se como os próprios agrupamentos de pessoas que frequentam ou trabalham no lugar. Pessoas que se separam pela própria dinamicidade da feira, mas também juntam-se para socializar e trocar experiências de vida.

NARRANDO VIDAS E SOCIABILIDADES NA BEIRA

Narrar é um ato de contar histórias e histórias sobre si mesmos e sobre os outros. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2012, p. 91), “[...] contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal.” Quando contamos uma história estamos dando sentido às experiências vividas por nós mesmos ou pelos outros.

E dessas experiências individuais ou coletivas emergem sociabilidades. Classificada por Simmel como sendo a “forma lúdica da sociação”, a sociabilidade por sua vez é a forma pela qual os indivíduos constituem uma unidade no intuito de satisfazer seus interesses, onde forma e conteúdo são na experiência concreta processos indissociáveis (Simmel, 2006, p. 65).

Em Abaetetuba, a feira é um espaço de compras, de negócios, de trânsito e até mesmo de diversão. Ela “pode funcionar como um locus de lazer. As pessoas vão à beira para encontrar os amigos, para conversar sobre os mais diversos assuntos, dentre eles religião e política”. (Barros, 2009, p. 3).

A pedagoga Gomes, de 50 anos, nasceu em Abaetetuba e frequenta a feira há 20 anos, pelo menos duas vezes por semana, ela sai de sua casa, pega sua motocicleta, veículo mais utilizado em Abaetetuba, e vai em busca das melhores frutas, verduras e legumes. Gomes, narra sua experiência com a beira de Abaetetuba com veemência: “A Feira é esse grande encontro de pessoas, de amigos.... Um lugar que vou há muito tempo. E encontro muita gente. Às vezes, eu encontro os professores que trabalham comigo, às vezes, eu encontro pessoas que eu não via há muito tempo, gente que chega, me abraça e ri, depois eu saio de lá e me pergunto, de onde eu conheço essa pessoa? Ontem mesmo eu fui levar uma tia minha a um posto que fica próximo a feira e acabamos encontrando um parente distante que não víamos há muito tempo”.

A feirante Mendes destaca em sua fala a proximidade que tem com os clientes: “Eles chegam dão bom dia, aí eu pergunto se eles estão bem, e eles acabam falando da vida pessoal deles, e eu vou ouvindo e aquilo vai me distraíndo”, relata a vendedora que entre uma pausa e outra, cumprimenta alguém ou oferece seus produtos.

Essas interações narradas por Gomes e Mendes é a própria sociabilidade em Simmel (2006). O autor reforça que “todas essas formas de socialização são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da sociedade enquanto tal” (SIMMEL, 2006, p.64).

O aposentado Silva, de 69 anos, é frequentador assíduo da feira de Abaetetuba. Ele costuma ir três vezes por semana ao local. Um hábito que se repete há mais de 50 anos. Silva vive “o lugar”. Caminha, experimenta a farinha de um feirante, questiona e negocia o preço do peixe com um vendedor, cumprimenta pessoas, amigos, conhecidos. Ele diz que a beira de Abaetetuba é um lugar de encontro. “A feira é o coração da cidade, é onde o pessoal se ‘amonta’ para comprar a diversidade de produtos. Na beira a gente tem o peixe, a tapioca, o jambu, o mingau de miriti, o mingau de açaí, a mucura, o tatu e por aí vai. E a feira de Abaeté é como se fosse uma praça, um lugar de encontro mesmo. Ontem, por exemplo, eu encontrei um amigo que eu não via há cinco anos, ele havia se mudado para outra cidade, mas voltou para Abaeté. Então, a feira é esse grande lugar de encontro de pessoas”.

Observei, nessas entrevistas, que a beira é um forte elemento cultural do município de Abaetetuba. É um lugar de consumo, onde gira a economia da cidade, mas é, sobretudo, um espaço onde acontecem múltiplas sociabilidades. Percebi que a interação entre os indivíduos configura-se como fenômeno antropológico, sociológico e comunicacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim das narrações dos vendedores e frequentadores da beira de Abaetetuba, foi possível compreender que os sentidos da feira são marcados pelas próprias experiências vividas no local. Experiências que são marcadas pelo tempo e pela cultura abaetetubense. Faz parte da tradição da cidade visitar o local. E todos os entrevistados trabalham ou visitam a beira há muito tempo. Conhecem a rotina do lugar e as pessoas que transitam por lá.

Neste sentido, a feira tem um sentido cultural, uma tradição que vai sendo passada de geração em geração, pois tanto para quem trabalha quanto para quem frequenta, o hábito de estar na feira foi repassado por ascendentes familiares. Como lembra Geertz (1989, p.56) a cultura também pode ser definida “como um conjunto de mecanismos de controle- planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam “programas”).

A beira também é um espaço de entre-lugar, um continuum espacial, em que as experiências de moradores das cidades vizinhas e do território rural e urbano de Abaetetuba se encontram. Ou seja, a realidade da vida quotidiana, lembrando as inserções de Berger e

Luckmann (2012, p. 39), “apresenta-se a mim como um mundo intersubjetivo”, um mundo de que participo juntamente com outros indivíduos. Não posso existir na vida quotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros. No mesmo sentido, Simmel estabelece que a sociedade é manifestada no contato social em que “os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros” (SIMMEL, 2006, p.17).

Portanto, percebe-se na narração e na observação que os sujeitos e sujeitas estabelecem várias formas de interação, interação para a compra e venda de um produto, interação para perguntar se o Outro está bem, interações por meio de brincadeiras e piadas sarcásticas que compõem os modos de viver na feira. E essas narrativas do Outro passam a compor suas experiências individuais também, pois o Outro é um continuum na sua sociabilidade. Sua vida e experiência também são minhas. Assim, as sociabilidades são múltiplas e são construídas e estabelecidas em conjunto.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Flávio Bezerra. **Sociabilidade, Cultura e Biodiversidade na Beira de Abaetetuba no Pará**. 2009.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 34.ed.; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 2012.
- CASTRO, Marina Ramos Neves. 2013. **A arte na sua cotidianidade: Uma percepção de arte na feira do Guamá**. Belém, Dissertação Mestrado, Universidade Federal do Pará.
- CASTRO, Marina Ramos Neves. 2018. **Socialidades e sensibilidades no cotidiano da Feira do Guamá: uma etnografia das formas sociais do gosto**. Belém, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Pará.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- HUSSERL, E., 1986. **A Idéia da Fenomenologia**, Edições 70, Lisboa.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. «Divisão Regional do Brasil» Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/censo2022>. Acesso em 20/12/2023.
- JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W. **Entrevista narrativa**. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- LAGE, Leandro R. **Contribuições da hermenêutica de Paul Ricoeur para uma teoria da narrativa jornalística**, 2018. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2018v15n2p09>.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1975[1958]. “**O feiticeiro e sua magia**”. In: . *Antropologia Estructural*. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro. pp. 193-213.
- POJO, Eliana C.; ELIAS, Lina G. D. **O cotidiano das águas na tradição quilombola da comunidade do Rio Baixo Itacuruçá- Abaetetuba, PA**. Revista Sociais & Humanas, v. 31, n. 3, 2018.
- RICOEUR, P. (1977). **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro, Francisco Alves. (1989). Do texto à ação. Ensaio de hermenêutica II.
- SODRÉ, M. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago; 2002.
- SODRÉ, M. **A ciência do comum: notas sobre o método comunicacional**. 1ª Edição. Petrópolis/RJ: Vozes; 2014.
- SIMMEL, G. **Questões fundamentais da Sociologia**. Tradução de P. Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.